

## “O FARDADO DA LÍNGUA INGLESA”: UMA ANÁLISE DO DISCURSO SALVACIONISTA DA EMBAIXADA DOS EUA À LUZ DO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

### “THE BURDEN OF THE ENGLISH LANGUAGE”: AN ANALYSIS OF THE US EMBASSY SALVATIONIST DISCOURSE THROUGH THE LENSES OF THE APPRAISAL SYSTEM

Diego Abreu (UERJ-FFP)<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo precípua deste estudo é gerar entendimentos sobre o discurso salvacionista em torno da língua inglesa produzido pela Embaixada brasileira dos EUA em sua conta do Instagram. Partindo de uma perspectiva que aproxima o salvacionismo discursivo da prática imperialista, a fundamentação teórica do presente estudo possui três pilares estruturantes: uma discussão em torno das noções clássicas e contemporâneas de imperialismo (LENIN, 2008), uma reflexão sobre o conceito de salvacionismo (VAUGEOIS, 2007) e uma revisão histórica da trajetória imperialista dos EUA (HOPKINS, 2018). Os dados selecionados são examinados com o apoio do ferramental analítico do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), braço sobressalente da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994), que categoriza e mapeia os expedientes avaliativos ofertados pela linguagem. As análises realizadas iluminam os recursos e estratégias retóricas empregados no processo de construção discursiva do salvacionismo imperialista em torno da língua inglesa, evidenciando o papel de proa desempenhado pelos elementos valorativos nesse empreendimento.

**Palavras-chave:** Discurso, Salvacionismo, Imperialismo, Sistema de Avaliatividade.

**Abstract:** The main objective of this study is the generation of understandings about the salvationist discourse produced by the US Embassy in Brazil in their Instagram account regarding the English language. Through lenses that relate the salvationist discourse to the imperialistic political practice, this research's theoretical framework is based on three main pillars: a discussion about the classic and contemporary notions of imperialism (LENIN, 2008), a reflection concerning the concept of salvationism (VAUGEOIS, 2007) and a historical review of the imperialistic pathway followed by the USA (HOPKINS, 2018). The selected data are analyzed with support of the analytical toolkit of the Appraisal System (MARTIN; WHITE, 2005). As a branch of the Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 1994), the Appraisal System categorizes and maps the appraisal elements available in language. The analyses highlight the rhetoric resources and strategies employed in the process of discursive construction of the imperialistic salvationism regarding the English language, pointing out the key role performed by the evaluative elements in this enterprise.

**Keywords:** Discourse, Salvationism, Imperialism, Appraisal System.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor Adjunto do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores. <https://orcid.org/0000-0003-0591-6918>. ([diegocurciodeabreu@gmail.com](mailto:diegocurciodeabreu@gmail.com)).

“Tomai o fardo do homem branco”. Com essas palavras messiânicas, o poeta inglês Rudyard Kipling abre uma das obras literárias mais emblemáticas do século XIX – ironicamente, composta em seu derradeiro ano. Chamado de Era dos Impérios por Hobsbawn (2006), o período que se estende das décadas finais do Oitocentos até a Primeira Guerra Mundial marca o zênite do imperialismo em sua forma mais tradicional, aquela que ainda hoje é ensinada na maioria dos livros canônicos de história mundial. Apesar de cultivarem visões frontalmente opostas sobre o valor político e moral dos empreendimentos coloniais europeus, Hobsbawn e Kipling concordavam em um ponto nevrálgico: o mundo criado pela projeção econômica e geopolítica das nações ricas do Atlântico-Norte estava cindido em dois blocos. Nas palavras do historiador britânico, o primeiro “era unido pela história e por ser o portador conjunto do desenvolvimento capitalista”; enquanto o resto do planeta “não era unido senão por suas relações com o primeiro, quer dizer, por sua dependência potencial ou real” (HOBSBAWN, 2006, p. 33).

O poema de Kipling tem muito a ensinar sobre o imperialismo, sobretudo, no que diz respeito à sua faceta discursiva. Dar o nome de missão civilizatória à rapina cruenta promovida pelas potências do final do século XIX é um erro historiográfico que ultrapassa as raias do aceitável, resvalando no cinismo. Contudo, apesar de parecerem ridículas à luz de todo o conhecimento histórico acumulado sobre o período, as palavras do poeta inglês encontraram o aplauso efusivo da Europa no limiar do século XX. Mais do que isso; elas refrasearam em forma literária o alicerce ideológico do projeto imperialista: o discurso salvacionista. As terríveis atrocidades, que se multiplicavam conforme o butim do Velho Mundo avançava, precisavam de alguma justificativa farsesca. O salvacionismo civilizatório, espécie de messianismo iluminista, cumpria eficazmente a função de tingir com cores de altruísmo a mais vil e sistemática crueldade.

O recorte temporal dos primeiros parágrafos deste artigo pode sugerir ao leitor que o imperialismo é um fenômeno datado. Essa impressão é perigosamente falsa. Ainda que o mundo no século XXI possua diferenças importantes em comparação com quadro histórico narrado por Hobsbawn e vivido por Kipling, as dinâmicas de dominação estabelecidas na relação entre as diferentes nações, apesar de complicadas pela globalização de cadeias produtivas e informacionais, ainda estruturam o tabuleiro geopolítico contemporâneo (HARVEY, 2005). A globalização comandada em favor de certos grupos econômicos e políticos embaralhou as fronteiras entre povos e culturas, mas não alterou em essência a hierarquia vigente no concerto internacional, que ainda divide o mundo em dois blocos. De um lado, o consórcio dos Estados ricos (de alto grau de desenvolvimento capitalista e exploradores vorazes de recursos primários); do outro, o emaranhado de nações pobres e atrasadas.

No pináculo desse clube de países geopoliticamente hegemônicos, os EUA despontam em posição de proa. Donos de um vasto território, da moeda utilizada como reserva internacional de valor, de um PIB ainda sem par no planeta e de um aparato militar robusto e intimidador, o gigante do Norte, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, desfila arrogantemente como a superpotência que dirige o destino do planeta (HARVEY, 2005). Essa condução, que obedece aos interesses da elite que controla as rédeas da política estadunidense, não raro atropela todas as peias do direito internacional e do respeito à soberania das nações. Ao longo das últimas décadas, os EUA colecionam intervenções militares, chantagens econômicas e ingerências nos negócios de outros países, assumindo a faceta mais cruenta do imperialismo no mundo contemporâneo.

Apesar de sua opulência militar, geopolítica e econômica, dificilmente algum projeto imperialista do nosso vizinho anglo-saxão lograria êxito sem a sedutora máquina de propaganda por ele operada. O complexo cinematográfico, as produtoras de séries e programas para a televisão, a indústria da música *pop* e todo o sofisticado e capilarizado aparato de entretenimento comandado de dentro do país funcionam como engrenagens difusoras do arcabouço estético-ideológico que sustenta a projeção de poder das oligarquias estadunidenses. Assim como os poemas excepcionalistas de Kipling, essa grande usina de produção simbólica contemporânea também reproduz, em uma linguagem palatável à audiência de hoje, uma mensagem salvacionista que visa

conferir aos EUA a aura de guardião de valores universais (CHOMSKY, 2004). Essa narrativa especiosa que eleva a superpotência do norte ao posto de curador civilizacional e xerife político do planeta, em termos práticos, opera nos mesmos termos que o mito do fardo do Homem Branco, legitimando e justificando todo tipo de arbitrariedade em nome da defesa de uma falsa bandeira civilizacional comum.

A reflexão cunhada ao longo dos parágrafos anteriores anuncia o objeto de interesse deste artigo: o discurso salvacionista que tem como fito a naturalização do projeto imperialista contemporâneo das elites que comandam a política dos EUA. Porém, considerando o volume avassalador de produções discursivas que incorporam essa diretriz ideológica, faz-se necessário um recorte que viabilize a investigação. Assim, tomamos como enfoque da presente pesquisa as postagens feitas pela conta de Instagram da Embaixada brasileira dos EUA e que atribuem à língua inglesa um caráter salvacionista. Esse recorte se justifica por sua representatividade; pois ilumina o discurso de um órgão oficial do governo estadunidense, responsável por conceber e articular a atuação internacional do país. Ademais, ao destacarem a função da língua inglesa como emoliente cultural para a legitimação do salvacionismo estadunidense, os dados da presente pesquisa também contribuem para o adensamento dos conhecimentos acerca da política linguística dos EUA e da visão ideológica que alguns organismos dessa nação disseminam em relação ao seu idioma oficial.

À luz do contexto, do escopo e do objeto de interesse deste estudo, eis o seu objetivo precípuo: gerar entendimentos sobre o discurso salvacionista em torno da língua inglesa promovido pela Embaixada brasileira dos EUA no Instagram. Para tanto, analisam-se os sentidos plasmados em algumas instâncias dessa fonte discursiva com base no aparato analítico do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), ressaltando-se o papel da avaliação na construção ideológica em foco.

Este artigo possui a seguinte divisão. Nas três seções que sucedem esta introdução, respectivamente, discorremos sobre a noção de Imperialismo, expomos a sua inter-relação com o discurso salvacionista e compomos um breve quadro histórico dos diferentes episódios de intervenção imperialista de caráter político, econômico e militar dos EUA, dando algum destaque para o papel da Língua Inglesa nessa projeção indébita de poder. Na quarta seção deste escrito, apresentamos o seu ferramental analítico: o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). A parte subsequente do texto corresponde à análise dos dados angariados. Por fim, algumas considerações finais são tecidas.

## **1 Agonia do capitalismo ou voracidade de poder: as múltiplas faces do imperialismo**

Ainda que diferentes pensadores ao longo de todo do século XIX tenham resvalado no problema que aqui nos ocupa, coube a um grupo célebre de pensadores (e revolucionários) marxistas o encargo de sistematizar uma compreensão holística sobre a forma como as contradições inerentes ao modo de produção de seu tempo desaguarão na forma imperialista do capitalismo. Certamente, o membro mais famoso e politicamente bem sucedido desse grêmio intelectual foi Lênin, porém a maturação das reflexões que constituíram a doutrina clássica do imperialismo contou com importantes aportes de outras figuras de proa na história política do século XX, como Rosa Luxemburgo, Bukharin e Kautsky. Movidos por um sequioso interesse de entabular as transformações experienciadas na antessala da Primeira Guerra Mundial, os autores dedicaram-se ao exame da dinâmica de reprodução do capitalismo em seu tempo, consolidando algumas das formulações mais fecundas sobre o imperialismo.

A grande referência no estudo do tema é a obra *O Imperialismo, fase superior do capitalismo*, escrita por Lênin (2008). Em síntese, que já se faz presente no título do aludido livro, o revolucionário russo caracteriza o imperialismo como o estágio ulterior (de máximo desenvolvimento e degeneração) do sistema de produção capitalista. O salto da economia mundial para essa etapa derradeira apresenta algumas características que a singularizam das fases anteriores

do capitalismo. Aos olhos de Lênin (2008, p. 90), destacam-se: 1) o surgimento de grandes monopólios industriais-comerciais produzidos pela ultraconcentração na produção; 2) a ascensão de uma oligarquia financeira nascida a partir da fusão do capital bancário com o capital industrial; 3) a centralidade do movimento e da exportação de capitais; 4) a partilha do mundo entre consórcios de monopolistas; 5) a repartição territorial do globo pelas potências capitalistas de maior desenvolvimento.

Lênin, acompanhado de outras figuras como Luxemburgo e Bukharin, concebia o imperialismo como a fase última do capitalismo: sua decomposição e putrefação. As contradições que encaminharam a economia mundial para a sua configuração imperialista, após um período de agonia, viabilizariam as condições materiais para a superação desse modo de produção. Nesse ponto, contudo, o grupo convivia com alguns dissensos. Kautsky (2002) enxergava em sua análise margem para uma sobrevida do sistema de produção capitalista. O imperialismo, apesar de contrapor diferentes forças nacionais monopolistas em um conflito que embarga a sua própria dinâmica de reprodução, abriria a possibilidade de congregação desses Estados poderosos em um modelo de federação. O resultado dessa associação seria um regime ainda mais cruento de exploração das nações atrasadas pelos países desenvolvidos, o que diminuiria temporariamente as tensões entre as nações dominantes, que repartiriam o mesmo butim.

As teorias clássicas de imperialismo cunhadas nas primeiras décadas do século XX, mesmo com o prestígio angariado, enfrentaram críticas e tentativas de reformulação por gerações intelectuais posteriores. O mais profundo e abrangente desses expedientes é a tese do “Novo Imperialismo”, esposada pelo geógrafo David Harvey. Na visão do autor, o capitalismo teria encontrado um ponto de inflexão em seu movimento de crescimento na década de 1970, levando-o a reformular-se de modo a assumir uma feição neoliberal. O neoliberalismo seria, nesse contexto, uma radicalização criativa das formas anteriores de espoliação de recursos pelas forças dominantes (HARVEY, 2003). A recauchutagem neoliberal que se iniciou na década de 1970 impôs mudanças significativas nas formas de ocupação e gestão do espaço pelos grandes conglomerados financeiros que comandam essa mais recente fase do imperialismo. Encastelados em pontos nodais concentrados em grandes megalópoles, os operadores do financismo transnacional pulverizam fluxos de capital para as partes mais remotas do planeta, em que encontram condições de acumulação vantajosas (HARVEY, 2003). As contradições incensadas pela ascensão de diferentes enodamentos imperialistas colocam o mundo em um dilema: o acirramento das tensões, que poderia gerar uma guerra de alcance global, ou a formação de formas confederativas de cooperação entre essas potestades do novo imperialismo, o que garantiria algum período de estabilidade ao arranjo.

Ainda que as diferentes facções da tradição marxista tenham se destacado na produção teórica em torno do problema do imperialismo, outras escolas de pensamento também se dedicaram a esse tema. Um esforço intelectual que merece nota é a teoria produzida pelo economista Joseph Schumpeter. Afastando-se do cânone do materialismo histórico, em sua inclinação a explicar os fenômenos sociais por uma lente eminentemente econômica, o pensador compreendeu o imperialismo como um processo de ordem predominantemente política, podendo ser definido como “a disposição sem objetivo, da parte de um Estado, de expandir-se ilimitadamente pela força” (SCHUMPETER, 1961, p. 91). Na esteira dessa teorização, temos uma mudança significativa na caracterização das razões que movem o imperialismo e os atores que promovem e manejam a sua agenda. Não é mais a dinâmica inerente de funcionamento e crise do capitalismo que deságua fatalmente em formas cada vez mais monopolistas de acumulação, gerando uma tendência irresistível de espoliação das nações mais fracas pelas mais fortes; é a sede de poder da classe política de um determinado Estado que o leva a cobiçar as riquezas de suas contrapartes e desejar ingerir-se em seus negócios internos.

A entabulação proposta por Schumpeter se acomoda de maneira mais coerente aos objetivos precípuos deste estudo, que vislumbram o imperialismo enquanto a projeção de poder

de uma nação mais forte (os EUA) sobre um país periférico no cenário geopolítico mundial: o Brasil. Contudo, ainda que concordemos com o autor em sua caracterização primariamente política do fenômeno em tela, é preciso ter em mente que o âmbito político se estende além do terreno institucional. Como aponta Fairclough (2001), política é discurso, sendo este o meio precípua de reprodução e disputa ideológica. Logo, entender a operação do imperialismo no mundo requer compreender a sua faceta discursiva, isto é, as formas retóricas angariadas pelas franjas imperialistas no afã de projetar, legitimar e naturalizar a sua agenda de poder.

## 2 O discurso salvacionista e sua natureza imperialista

Ainda que certas particularidades inerentes a cada autor possam ter algum peso, há mais convergência que dissenso nas diferentes conceitualizações de salvacionismo na literatura interessada. Andreotti (2012, p. 3) qualifica nosso objeto de estudo como “um desejo acrítico de ajudar no progresso e desenvolvimento do outro de modo a que eles participem num sistema global dominante<sup>2</sup>”. Spruce (2017), por sua vez, além de destacar o papel do discurso salvacionista no esforço de apagamento identitário dos povos a ele submetidos, também chama atenção para a negligência do salvador em relação à subjetividade do outro. Nas palavras do autor, “frequentemente, encontram-se ausentes dos discursos salvacionistas e transformadores: as vozes dos indivíduos cujas vidas são tratadas como necessitadas de mudança<sup>3</sup>” (SPRUCE, 2017, p. 6).

Vaugeois (2007) vislumbra o objeto em tela por um ângulo histórico. Para o autor, o discurso salvacionista é um filho legítimo do pensamento moderno e da narrativa arrogante que coloca as nações ricas do Ocidente na posição de herdeiras de uma civilização superior, forjada pelo gênio de pais fundadores iluministas. Essa visão alienada de si culmina em um desdém em relação aos diferentes povos do planeta; como resultado, a cultura e as instituições políticas dessas nações portadoras das Luzes são elevadas à posição de estalão da humanidade, servindo de parâmetro de juízo para as demais sociedades. Tendo como esteio essa perspectiva historicamente orientada, o pensador elabora a sua concepção de discurso salvacionista: “Eu me refiro a esse posicionamento de si no centro iluminado e racional, concomitante ao dever de ajudar o outro, como a narrativa salvacionista.<sup>4</sup>” (VAUGEOIS, 2007, p. 166)

A interface construída por Vaugeois entre a soteriologia discursiva e o pensamento da Modernidade iluminista nos serve de ponto de partida para o estudo dos fundamentos históricos do salvacionismo e sua inter-relação com o imperialismo. Como apontado argutamente por Hobsbawm (2006), poucos movimentos culturais e políticos tiveram tanto impacto na história recente da Humanidade quanto o Iluminismo. Guiados por um deslumbramento em face aos importantes desenvolvimentos científicos que transformavam a Europa desde o século XV e assentados em princípios eminentemente racionalistas, liberais e cientificistas, os pensadores iluministas eram homens imbuídos de elevadas ambições – tanto de ordem política quanto de ordem intelectual. Essas pretensões grandiosas os levaram a propor modelos teóricos de extensão e aplicabilidade ubíquas, verdadeiras panaceias simplórias para os mais complexos e variados problemas que afligiam o mundo em seu tempo.

Enquanto as teses universalistas dos teóricos das Luzes prometiam o surgimento de um mundo guiado pela Razão e pelo objetivismo científico, o salvacionismo iluminista camuflou em uma fachada de falso altruísmo uma série de atrocidades cometidas pelas nações poderosas da Europa e da América do Norte. Como aponta Mackenzie (1984), que estudou em detalhe o caso

---

<sup>2</sup> Tradução própria: “An uncritical desire to help others ‘progress’ and develop in order that they may participate in a dominant global system.”

<sup>3</sup> “Often absent from salvationist and transformative discourses are: the voices of those whose lives are deemed to be in need of change.”

<sup>4</sup> “I refer to this locating of ourselves at the rational and enlightened centre, with its concomitant duty to help others, as a salvationist narrative.”

inglês, de mãos dadas com o aparato colonial de invasão militar e tutela comercial comandado pelo imperialismo britânico, andava uma sofisticada indústria de propaganda, que coloria com vernizes de heroísmo o empreendimento ratoneiro da potência europeia. Peças de teatro, filmes, exposições, romances, artigos de jornal: todas as formas discursivas de grande circulação no período áureo do imperialismo eram amiúde empregadas como antenas de difusão da narrativa do salvacionismo (MACKENZIE, 1984).

Seria um erro acreditar que o movimento internacional de descolonização que ganhou fôlego após o fim da Segunda Guerra Mundial aposentou o discurso salvacionista de seu papel como fiador das ambições imperialistas. Assim como as formas de exploração das nações periféricas pelas potências centrais se tornaram mais sutis, o aparato retórico-simbólico que busca legitimá-las também se fez mais sub-reptício. Os tradicionais *slogans* da propaganda imperialista passaram por um processo de recauchutagem, sendo substituídos por motes e palavras de ordem mais adequados ao vocabulário e à estética contemporânea. Naturalmente, a promoção dessa agenda de curatela imperialista sobre a vida dos povos subalternos não poderia ser orquestrada sem um verniz de salvacionismo que pintasse com cores moralmente elevadas a espoliação e a violência mais rasteiras. Nesse espetáculo de cinismo, bandeiras facilmente corrompíveis como a defesa da democracia, o fortalecimento das instituições e a proteção de minorias são recrutadas com o intuito de conferir legitimidade a um projeto político de dominação que vai na estrita contramão dessas demandas (CHOMSKY, 2004). O mesmo espírito de excepcionalismo que saturava os delírios do jornalismo e da literatura britânica no fim do século XIX ainda se encontra vivo e com o mesmo nível de virulência nos apologetas do imperialismo salvacionista hodierno.

### **3 Do destino manifesto à língua franca da globalização: A ascensão dos EUA como uma potência imperialista**

A Guerra mexicano-americana (1845-1848) emerge como o primeiro capítulo significativo da trajetória expansionista dos EUA. O resultado da breve operação de espoliação comandada pelo General Winfield Scott foi trágico para o México: além de perder a província do Texas (que havia se declarado independente em 1836), os territórios correspondentes a grande parte dos atuais estados da Califórnia, Nevada, Utah, Novo México e Arizona foram cedidos de forma indecorosa por meio do Tratado de Guadalupe-Idalgo.

A superioridade militar e geopolítica frente à decadente Espanha inaugurou uma nova fase no percurso intervencionista dos EUA, que ganhou sistematização em uma diretriz diplomática conhecida como a política do grande porrete (*big stick*). Tendo como seu maior fiador o Presidente Theodor Roosevelt, a nova doutrina de projeção de poder estadunidense reformava em termos agressivos a Doutrina Monroe (América para os americanos), advogando pela legitimidade de qualquer expediente de ingerência dos EUA no afã de salvaguardar os seus interesses econômicos na sua zona de influência (HOPKINS, 2018). As invasões de Cuba e da Nicarágua na primeira década do século XX foram momentos de implementação prática do porrete da ascendente potência imperialista.

O fim da Segunda Guerra Mundial e o surgimento de múltiplos movimentos anticoloniais criaram um obstáculo importante para a narrativa do imperialismo salvacionista. A simpatia da opinião pública a essas agendas libertadoras, somada ao desencanto com o velho mundo diante dos horrores do conflito recém-terminado, enfraqueciam a propaganda em torno das missões civilizatórias. Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico, informacional e militar aumentava de maneira formidável a capacidade de ingerência externa dos países poderosos nos assuntos políticos internos das nações periféricas. Essa comunhão de fatores díspares pressionava por uma reformulação nas técnicas de intrusão imperialista, de modo a torná-las mais discretas e ubíquas. Em vez de tanques e canhoneiras, quando possível, a corrupção, a chantagem, o assassinato e o fomento de movimentos políticos alinhados aos interesses das potências financiadoras tornaram-

se o método padrão-ouro de atuação do imperialismo estadunidense na segunda metade do século XX (PERKINS, 2004). Como explicitado por Perkins (2004), numerosos foram os países submetidos a esse novo protocolo de sabotagem política internacional comandada pela diplomacia (oficial e oficiosa) dos EUA: Irã, Guatemala, Panamá, Equador, Indonésia, Colômbia e o próprio Brasil durante o golpe de 1964. Ainda que operações militares efetivas também tenham sido empregadas em situações específicas (invasão do Panamá em 1989, invasão do Iraque em 2003 etc.), uma análise cuidadosa do *modus operandi* da projeção de poder do grande titã geopolítico contemporâneo evidencia a sua predileção por métodos mais discretos e pouco onerosos, muitas vezes, empreendidos a partir de empresas e agentes privados.

Porém, somente uma visão demasiadamente simplista reduziria o espectro de ação imperialista dos EUA aos episódios diretos de intervenção em negócios internos de outros países. A manutenção do estatuto de hegemonia internacional de qualquer potência passa por um projeto multifacetado de influência e controle da vida econômica, social e cultural dos países inseridos em sua zona de influência. Portanto, há uma faceta mais profunda do expansionismo geopolítico estadunidense, que abrange a penetração de empresas com sede no país no mercado de outras nações, a exportação de valores e ideologias políticas oriundas da realidade anglo-saxã, a difusão de artefatos culturais produzidos pela indústria do entretenimento dos EUA e, de interesse mais patente para o presente estudo, a disseminação da língua inglesa enquanto instrumento global de comunicação.

Os estudos desenvolvidos por Phillipson (1992) sobre o imperialismo linguístico do inglês são seminais e inevitáveis. Para o autor dinamarquês, essa forma específica de dominação e subordinação se articula em uma matriz mais ampla de relações culturais e econômicas assimétricas, que contribuem para a o acúmulo de prestígio do inglês perante os demais idiomas e a sua disseminação como um código universal. Certamente, a forma mais explícita e escandalosa de operação do imperialismo linguístico se dá por meio da indústria cultural, que contribui para a irradiação de peças estéticas compostas no idioma hegemônico, tornando-o não apenas familiar aos olhos e ouvidos estrangeiros, mas também atribuindo-lhe com o papel de porta-voz de um modelo civilizacional mais avançado.

Contudo, apesar da centralidade do aparato de entretenimento na logística da hegemonização do inglês, Phillipson (1992) chama atenção para outros instrumentos empregados pela superpotência contemporânea na imposição global de sua língua, como a dependência científico-tecnológica e o controle da política de ensino de línguas estrangeiras. A subalternidade tecnológica das nações periféricas diante dos países desenvolvidos (sendo os EUA a liderança nesse setor) cria, ao mesmo tempo, uma situação de assimetria e sincronidade (PHILLIPSON, 1992, p. 61). Por um lado, a penetração cultural das nações hegemônicas submete o mercado dos países marginais a um padrão de consumo inatingível por grande parte de sua população, que anseia não apenas por produtos estrangeiros, mas também por um estilo de vida exógeno, que passa pelo falar do idioma não-materno. Por outro lado, a posição de atraso competitivo da periferia global em relação ao centro incensa um sentimento de inferioridade, que, por sua vez, atinge com força a identidade dos países subordinados, promovendo no imaginário popular uma rejeição da própria nacionalidade em favor de um desejo de pertencer, ainda que de maneira inorgânica e manipulada, às fileiras da nação que comanda o planeta (PHILLIPSON, 1992).

O bovarismo identitário é operado argutamente pelas políticas de difusão do ensino de língua inglesa ao redor do mundo. Em um misto de engodo publicitário e reprodução ideológica, as grandes empresas de ensino de idiomas no mundo (muitas delas, conglomerados monopolistas que se espalham pelo planeta) comercializam o inglês como a chave para o sucesso econômico e o acesso a conhecimentos indisponíveis nos demais idiomas. Essa narrativa salvacionista que embala o imperialismo linguístico extrapola o âmbito meramente marqueteiro, consumando-se em diretrizes de política pública e, em alguns casos, até em normativas e legislações. Olhando para o caso dinamarquês, Phillipson (1992) assinala o caráter repressivo do ensino de inglês, impondo aos

jovens do país nórdico a obrigatoriedade de somente se comunicar na língua em diversas situações, que vão muito além das necessidades pedagógicas de aprendizagem.

No contexto brasileiro, é possível observar também a penetração do salvacionismo em torno da língua inglesa nos documentos que balizam a educação nacional. No breve texto dedicado a contextualizar a importância e a atualidade do ensino de inglês no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), ainda que aludindo a uma reflexão mais complexa, também acena a alguns elementos que dialogam com os pressupostos do imperialismo linguístico. Ao aprender inglês, o aluno brasileiro estaria se equipando para participar de um mundo globalizado, acessível somente mediante o domínio desse instrumento cultural. O resultado dessa formação aditivada com o letramento no idioma hegemônico seria a promoção e o incentivo do “agenciamento crítico” e do “exercício de uma cidadania ativa”, “abrindo novos percursos de construção de conhecimento” (BRASIL, 2018, p. 241) no horizonte dos estudantes. Na esteira dessa narrativa, o inglês assume uma função civilizacional, sendo a chave de acesso às chances de desenvolvimento humano indisponíveis aos que não possuem proficiência no idioma.

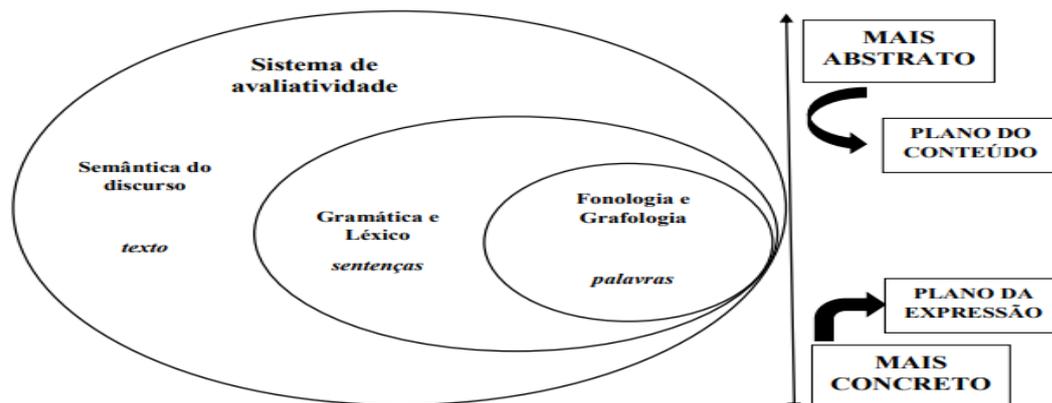
#### **4 Sistema de Avaliatividade: um mapa axiológico da linguagem**

O Sistema de Avaliatividade (doravante SA) é uma ferramenta teórico-analítica concebida e sistematizada com o objetivo de cartografar e analisar os elementos avaliativos disponíveis em cada língua e que viabilizam a construção de avaliações a respeito do mundo. O SA oferta um panorama geral dos recursos avaliativos da linguagem, esclarecendo de um ponto de vista semântico e funcional a forma como o valor se manifesta em nossas interações.

O esteio teórico do SA é o arcabouço da Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1994), modelo de linguagem que preconiza uma concepção sociosemiótica do fenômeno linguístico, entendendo os significados como um meio de reconstrução semântica da realidade experienciada pelo sujeito e ação social. A linguagem se organiza em um conjunto de sistemas e subsistemas que estruturam as possibilidades de expressão semântica na língua a partir de relações sintagmáticas (relações entre os elementos da língua a partir de regras de formação de estruturas mais complexas) e paradigmáticas (relação entre um elemento presente e os demais elementos preteridos em um dado enunciado). Esse cabedal de sistemas semânticos se organiza funcionalmente, dando ao falante meios para agir no mundo por intermédio daquela língua.

Uma das grandes contribuições da Linguística Sistemico-Funcional para a literatura dedicada ao tema é a confecção de um esquema teórico que rompe com o dualismo entre os elementos imateriais (o significado e a estrutura gramatical da Língua) e materiais (sons e sinais gráficos da escrita) do processo de produção da linguagem. Estes, em vez de serem pensados como entes ontologicamente distintos, são concebidos dentro de dois planos (plano da expressão e plano do conteúdo) que se articulam de forma estratificada dentro de uma lógica de realização em que os estratos mais abstratos se realizam (se decodificam) nos estratos mais concretos ou, visto pelo ângulo inverso, os estratos mais concretos se codificam nos estratos mais abstratos. A estrutura interna da linguagem possui três estratos: a Semântica do discurso (camada mais abstrata da linguagem em que residem os significados), gramática e léxico (regras de formação de orações, frases, palavras e de inter-relação entre as próprias palavras) e Grafo-fonologia (materialização dos significados e do ordenamento da língua em sons e sinais gráficos). Na figura 1, temos uma representação gráfica da relação entre os estratos constitutivos da linguagem, destacando a Semântica do Discurso, estrato que abriga o Sistema de Avaliatividade.

Figura 1 – Contínuo de realização da linguagem



Adaptado de Nóbrega (2009)

No emaranhado de sistemas que constituem a Linguística Sistêmico-Funcional, como ilustrado na figura 1, o SA integra o espectro da Semântica do Discurso, que representa o nível da organização dos significados em uma determinada língua. O SA também tem outras três subdivisões: os subsistemas de Gradação, Engajamento e Atitude. Somente este último será empregado nesta pesquisa.

O Subsistema de Atitude mapeia em uma rede de categorias os aportes de cada língua que materializam valor em palavras e construções sintáticas, contando com três tipos classificatórios diferentes para o fenômeno da avaliação: Afeto, Julgamento e Apreciação. O Afeto remete aos construtos avaliativos que se inscrevem em palavras ou expressões vinculadas ao campo semântico da afetividade humana. Quando alguém diz “Eu amo chocolate” ou “Eu odeio calor”, mais do que apenas a expressão de um sentimento ou uma predileção, tais enunciados constituem linguisticamente uma instanciação de valor acerca do ente sobre o qual recaem os afetos assinalados. Amor e ódio em tais construções, apesar de remeterem a estados subjetivos, sugerem qualidades inerentes ao “chocolate” ou ao “calor”, edificando um expediente de valor acerca de tais elementos.

A categoria do Julgamento, por sua vez, delimita e assinala as avaliações construídas semanticamente a partir de termos que se referem ao universo da ética e da moral. Tais formas de valoração, abrangidas pelo Julgamento, trabalham com dualidades dicotômicas como bem-mal, bom-ruim, certo-errado etc. Assertivas como “Seu critério é injusto” ou “Sua irmã é cruel” erigem uma valoração acerca dos elementos cobertos pelas categorias de “injusto” e “cruel” que repousam sobre o universo semântico da moral, operando dentro de um horizonte comum de moralidade compartilhado dentro de uma determinada cultura.

Por fim, a Apreciação abarca o âmbito linguístico da estética e do belo, operando com ideias como belo-feio, agradável-desagradável, etc. tais categorias também podem ter sua carga avaliativa modificada, por meio do emprego de termos de caráter intensificador/atenuador, em um processo denominado de Gradação. Enunciados como “sua voz é muito bonita” ou “seu terno é muito elegante” plasmam na linguagem uma avaliação cunhada na clave da Apreciação, ou seja, que opera com noções de belo-feio (e todo o arcabouço de valores vinculados a ambos os polos) integradas ao acervo cultural de uma dada comunidade.

No esforço analítico empreendido neste artigo, o SA será empregado como uma ferramenta de análise das distintas formas como o salvacionismo em torno da língua inglesa se materializa nos dados examinados a partir de construtos dotados de força avaliativa, buscando-se, assim, compreender o sentido de tais valorações e sua função na produção desse fenômeno discursivo. Mais importante do que a classificação das diferentes emergências do valor nos dados escrutinados

é a compreensão da forma como os significados recrutados e derramados nesses expedientes avaliativos concorrem para a materialização linguística da esfinge de interesse desta pesquisa.

## 5 Análise dos dados

Os dados que compõem o corpus deste estudo foram escolhidos a partir de uma série de postagens no Instagram® realizadas pela conta oficial da Embaixada dos EUA no Brasil. A decisão de angariar os dados a partir da rede social supramencionada se deu por motivos práticos, considerando-se ser a conta do Instagram® o canal de comunicação mais ativo e engajado do órgão estadunidense. Três foram os critérios empregados na seleção dos construtos discursivos a serem examinados. O primeiro deles foi a adesão da mensagem ao horizonte temático da presente pesquisa, isto é, a sua relação com a construção de uma imagem salvacionista da língua inglesa. O segundo parâmetro observado foi a densidade axiológica da peça discursiva: postagens dotadas de uma maior carga avaliativa tiveram predileção. Finalmente, o terceiro crivo pelo qual os dados passaram foi a sua originalidade, sendo dada preferência a enunciados que gozassem de algum grau de diferenciação em relação aos demais – evitando-se, assim, tornar o esforço analítico redundante e repetitivo.

Ainda que as postagens selecionadas fossem realizadas pela Embaixada dos EUA no Brasil, órgão diplomático e consular que representa os interesses geopolíticos da potência global em nosso país, o programa de ensino de inglês a que elas fazem referência, intitulado *Access Amazon*, é coordenado por uma organização não-governamental chamada +Unidos®. Sobre o projeto linguístico-educacional, o diretor da aludida ONG, Daniel Grynberg (2023), afirma que o seu objetivo precípua é “fazer com que o idioma realmente impacte na vida de quem vive na Amazônia Legal, promovendo a inclusão social”. O projeto segue a linha de edições anteriores do *Access*, apresentando apenas uma diferença respeitante ao público-alvo, restrito somente a participantes residentes em estados que fazem parte da região amazônica brasileira.

O caráter eminentemente filantrópico do projeto e o papel salvacionista atribuído à língua inglesa em suas diretrizes já se evidencia na supracitada descrição dos seus objetivos. O desenvolvimento do letramento e da proficiência comunicativa no idioma em tela teria o condão de gerar um impacto (que se subentende positivo) na vida dos alunos, sendo o domínio dessa língua caracterizado como um instrumento efetivo de inclusão social.

Essa linha retórica que caracteriza o inglês como uma tábua de salvação para os seus aprendizes opera como um fio de Ariadne ao longo de numerosas postagens realizadas pela Embaixada dos EUA em sua conta no Instagram®. Uma das mais ricas e emblemáticas está representada abaixo em cópia fac-similar:

Imagem 1 – Por que estudar inglês<sup>5</sup>

**Fonte:** Página de Instagram da Organização Não-Governamental Grupo Mais Unidos / Edição própria (2024)

Ainda que o cerne da presente análise seja a materialidade linguística verbal notável no fac-símile, vale ressaltar a simbologia estética da atriz que protagoniza a postagem. Sorridente, com um olhar confiante e terno, equipada com materiais escolares e abraçada por um fundo que remete à natureza botânica da floresta amazônica, a jovem personifica a imagem modelar do estudante a ser contemplado pelo projeto *Access Amazon*, sendo a satisfação refletida nas feições da moça um prenúncio dos benefícios sociais e pessoais ofertados pela aprendizagem do inglês.

Do ponto de vista da organização textual, a mensagem se estrutura a partir de um diálogo: o *banner* inicial da postagem propõe um questionamento (*por que estudar inglês?*) que é respondido pelo próprio autor na sua descrição: *Aprender inglês é bom demais e só traz benefícios para a sua vida*. As lâminas seguintes enumeram uma série de pontos positivos relacionados com a aprendizagem do idioma estrangeiro, destacando as oportunidades e benesses a serem despejadas sobre a vida de seus aprendizes bem sucedidos.

O caráter salvacionista atribuído ao conhecimento da língua inglesa na breve interlocução artificial é patente. O consórcio entre o grupo +Unidos e a Embaixada dos EUA se apresenta como os fiador de um bem, o inglês, responsável pela ampliação do horizonte daqueles que o possuem. Os benefícios provenientes de sua aquisição incorrem diretamente na vida dos novos falantes do idioma, estabelecendo-se discursivamente uma relação direta entre a proficiência na língua e o aprimoramento pessoal.

Ainda que inúmeros elementos concorram para a composição do salvacionismo em torno do inglês no trecho em tela, é digno de nota o papel desempenhado pelos expedientes avaliativos nessa concertação. Em resposta à indagação retórica do *banner*, o autor lança mão de um aporte axiológico direto consignado na clave do Julgamento (MARTIN; WHITE, 2005): *aprender inglês é bom demais*. Como já discutido, os Julgamentos se inserem no campo semântico da ética e da moral, operando nas dobras de polarizações como bem-mal, justo-injusto etc. Seu emprego tende a atribuir um sentido eminentemente positivo-negativo ao objeto por ele contemplado, transformando essa qualidade em uma propriedade inerente ao alvo da valoração. No caso em lente, tal caracterização recai sobre o ato de aprender inglês, tratado como algo bom em essência, isto é, como uma ação dotada apenas de atributos positivos. Ademais, o Julgamento consignado

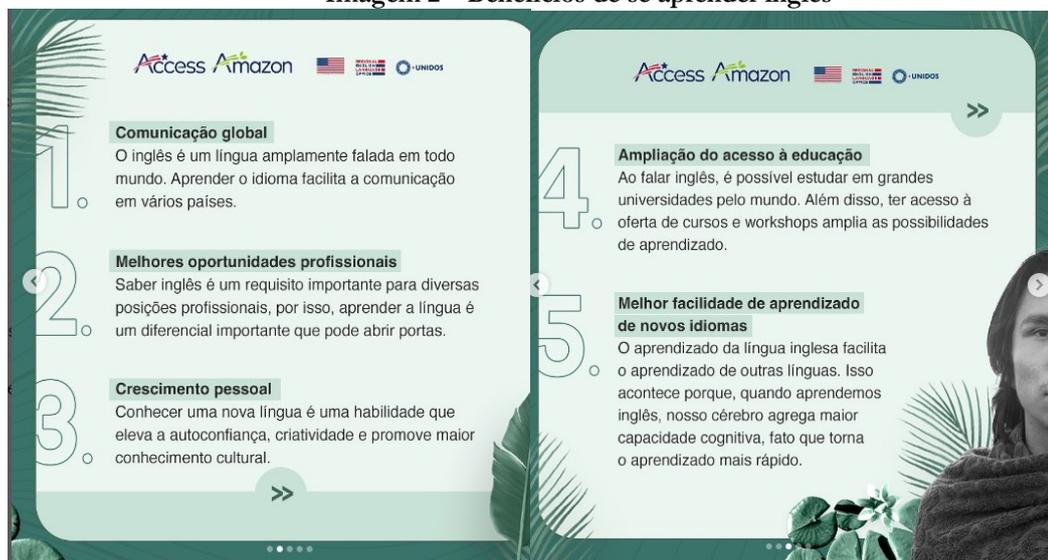
<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/grupomaisunidos/>.

no trecho ainda é complementado por um dispositivo de Gradação (MARTIN; WHITE, 2005): *demais*. O emprego desse termo eleva a intensidade e absolutiza as vantagens da aprendizagem da língua inglesa. A *demais*, no presente caso, possui um tom metafórico, insinuando ser tão grande o caráter benfazejo do comportamento a ponto de sua mensuração ser impossível.

A linha avaliativa iniciada com a utilização da expressão *bom demais* ganha reforço na oração seguinte: *e só traz benefícios para a sua vida*. Aqui temos um expediente avaliativo construído sob a égide do Julgamento (MARTIN; WHITE, 2005) que ganha forma sem a presença de adjetivos ou qualificantes, sendo materializado a partir da concertação de termos dotados de sentido claramente valorativo. Se o conhecimento da língua inglesa gera benefícios para a vida do seu aprendiz, corolariamente, chegamos à conclusão de que o próprio idioma é portador de tais benesses. Outrossim, sendo a Embaixada dos EUA a fiadora desses bens, recai sobre tal instituição uma aura de altruísmo, esteio simbólico do salvacionismo. Os *benefícios* supostamente viabilizados pelo idioma estrangeiro são personalíssimos, incidindo diretamente sobre a *vida* do aluno alcançado pelo projeto. Portanto, firma-se uma relação íntima de benfeitoria entre o consórcio responsável pelo programa *Access Amazon* e os indivíduos atingidos pelas graças da aprendizagem do inglês, realçando ainda mais o caráter salvacionista do discurso. Vale ainda assinalar o emprego da partícula *só*, outro expediente de Gradação (MARTIN; WHITE, 2005) que contribui para a composição axiológica do trecho em destaque.

As lâminas subsequentes do *banner* da postagem dedicam-se a enumerar de forma organizada os aludidos benefícios produzidos na vida das pessoas que aprendem a falar inglês:

Imagem 2 – Benefícios de se aprender inglês<sup>6</sup>



Fonte: Página de Instagram da Organização Não-Governamental Grupo Mais Unidos / Edição própria (2024)

As cinco benesses enumeradas e explicadas na postagem incorrem em diferentes âmbitos da vida do futuro aprendiz. Promete-se ao jovem atingido pelo projeto a oportunidade de acessar uma cidadania global, desenvolvimento profissional, aprimoramento psicológico, enriquecimento educacional e maior facilidade para a aprendizagem de novos idiomas. São promessas ambiciosas, que prescrevem à língua inglesa o condão de oferecer oportunidades diversas ao indivíduo que nela demonstra proficiência. No plano de fundo dos *banners*, vemos novamente a mesma identidade estética observada na lâmina de capa da postagem: a coloração verde, elementos que remetem à

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/grupomaisunidos/>.

natureza própria da região amazônica e um jovem de traços e vestes indígenas, fazendo referência ao público-alvo da iniciativa.

Novamente, o salvacionismo exalado pelo texto dos *banners* tem como excipiente principal a carga valorativa que atravessa e estrutura toda a peça discursiva. Uma das formas mais importantes de erupção avaliativa no trecho se dá através das escolhas lexicais que qualificam a língua inglesa, tanto nos seus atributos inerentes quanto nos benefícios que a sua aprendizagem pode oferecer aos interlocutores da postagem. Enquanto a língua inglesa é construída discursivamente como um código de alcance internacional, sendo *amplamente falada em todo mundo*, os falantes que a dominam têm acesso a um *diferencial importante que pode abrir portas*, por exemplo, *em grandes universidades pelo mundo*. Porém, a língua inglesa não enriquece o indivíduo que a aprende apenas em seu percurso acadêmico-profissional, mas também em sua própria constituição neurológica: *quando aprendemos inglês, nosso cérebro agrega maior capacidade cognitiva*.

Ainda que de formas diferentes, esses apontamentos calorosamente apreciativos em relação à língua inglesa constroem um Julgamento (MARTIN; WHITE, 2005) intensamente positivo acerca não apenas do idioma a ser ensinado, mas também, de maneira projetiva, dos estudantes que aprenderão a língua estrangeira. Afinal, se o conhecimento do inglês transforma o indivíduo em um cidadão cosmopolita, motivado, acadêmica e profissionalmente bem sucedido e mais inteligente, o processo de desenvolvimento de proficiência nessa língua pode ser entendido como um trajeto de aquisição dessas virtudes e realizações. Os expedientes avaliativos coalhados no *banner* contribuem para construir uma imagem salvacionista da língua inglesa, caracterizando-a como uma espécie de portal mágico para o sucesso; como se o domínio de uma habilidade linguística resultasse fatalmente na conquista automática de todos os demais *benefícios*.

A escolha pela composição dessa miríade de valorações na clave do julgamento (MARTIN; WHITE, 2005) evidencia um esforço de transposição dos qualitativos abonadores associados ao inglês metonimicamente para os aprendizes dessa língua. Assim, o ciclo do salvacionismo que envolve o idioma anglo-saxão se completa. A narrativa pode ser esquematizada desta forma: 1) Embaixada dos EUA possui espírito filantrópico e consciência social; 2) a língua inglesa confere a seus aprendizes múltiplos enriquecimentos; 3) logo, fomentar um programa de ensino desse idioma é um ato altruísta de elevação dos jovens brasileiros, necessitados das benesses providas pelo código estrangeiro.

Contudo, além dos expedientes avaliativos cunhados sob a clave do Julgamento, o *banner* também acena para um outro tipo de construto axiológico. No ponto dedicado ao *crescimento pessoal*, o autor pinta a proficiência na língua inglesa como uma habilidade promotora da *autoconfiança e criatividade*, além de gerar maior *conhecimento cultural*. A articulação desses atributos psicológicos pessoais com o idioma em tela materializa uma avaliação cunhada sob a clave do Afeto (MARTIN; WHITE, 2005), em que termos e expressões vinculadas ao campo semântico das emoções são empregados de forma valorativa. Considerando que as qualidades psicológicas mencionadas tendem a ser vistas de maneira positiva pelo senso comum, a identificação do processo de aprendizagem de inglês com o aprimoramento de tais características deságua em um movimento de abono em relação ao projeto coordenado pela Embaixada dos EUA. Esta não apenas se cacifa discursivamente como promotora do ensino de um idioma estrangeiro, mas como uma instituição promotora do desenvolvimento cognitivo e emocional dos amazônidas.

A postagem analisada nos parágrafos anteriores emprega múltiplos expedientes avaliativos no afã de construir discursivamente uma narrativa salvacionista em torno da língua inglesa e os benefícios por ela viabilizados àqueles que se comunicam por meio dela. Crescimento pessoal, possibilidades de carreira e cidadania global são graças providas pela aprendizagem do idioma para as pessoas que nele se tornam proficientes. No entanto, o salvacionismo imperialista da Embaixada dos EUA em torno de sua língua oficial também apela às comunidades amazônidas de maneira mais abrangente – como podemos observar abaixo:

Imagem 3 - Vozes da Comunidade<sup>7</sup>

**Fonte:** Página de Instagram da Organização Não-Governamental Grupo Mais Unidos / Edição própria (2024)

A imagem em destaque apresenta uma cópia fac-similar de uma postagem realizada pela conta oficial da ONG Grupo +Unidos, que, como já explicado, atua na implementação dos projetos de ensino coordenados pela Embaixada dos EUA. Além do texto em tela, o *banner* também conta com um pequeno vídeo, em que uma das participantes do curso publicizado comenta sobre a sua experiência no projeto. Um dos pontos mencionados pela aluna e retomado na descrição do vídeo foi a importância da língua inglesa enquanto um meio de amplificação e difusão das agendas de interesse das comunidades residentes na Amazônia brasileira. Mais do que uma coincidência, essa função salvacionista desempenhada pelo idioma também é ressaltada pelo Diretor do Escritório regional de Língua Inglesa da Embaixada dos EUA, Scott Chiverton (2023), que diz: “com um melhor domínio, eles poderão advogar em causa própria e também por suas comunidades em um nível internacional, além de estar melhor preparados para oportunidades em que o idioma é pré-requisito”.

No texto inscrito na imagem, após fazer referência à aluna que protagoniza o vídeo, o autor da postagem assinala como o programa *Access Amazon* a ajudou a *fortalecer as vozes da sua comunidade*. O verbo empregado no trecho é prenhe de sentidos. O primeiro ponto que merece destaque é sua carga axiológica. Fortalecer é conferir força a outrem. Logo, o termo em tela perfaz um Julgamento (MARTIN; WHITE, 2005) sobre a língua inglesa e, indiretamente, sobre o programa de ensino da ONG +Unidos. Um segundo ponto digno de nota é o tipo de relação estabelecida entre a aluna (e sua comunidade) e o idioma estrangeiro (e os benfeitores que o acessibilizam para ela). Ter sua voz *fortalecida* por um terceiro significa estar em uma posição de silenciamento, sendo a intervenção do salvador um ato necessário de emancipação. Portanto, além de uma condição de subalternidade perante o órgão diplomático dos EUA, cria-se uma dívida entre a aluna e a comunidade cujas vozes foram *fortalecidas* e a língua inglesa. De modo bastante sutil, o expediente avaliativo erigido pelas escolhas lexicais firmadas no trecho *fortalecer as vozes da sua comunidade* produz um mosaico de sentidos que incorporam a linha-mestra de boa parte das comunicações da Embaixada dos EUA nas redes sociais: a autoafirmação do país e de tudo que a ele remete (inclusive, a língua inglesa) dentro de um discurso salvacionista.

Ainda que as iniciativas aqui revisitadas possam, de fato, contribuir para o crescimento profissional dos aprendizes de inglês, seria uma ingenuidade temerária pensar que tais programas são motivados apenas por estímulos meramente altruístas e arcanos. Há interesses geopolíticos importantes, de forte inclinação imperialista, ocultados por baixo do véu do salvacionismo em torno da língua inglesa.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/grupomaisunidos/>.

A difusão da língua inglesa em nosso país perfaz interesses inerentes aos EUA. Ainda que o idioma anglo-saxão, de fato, desempenhe o papel de língua franca no planeta, aproximando pessoas de diferentes nacionalidades, é inegável que esse código tem uma vinculação simbólica muito mais forte com as nações poderosas que o têm como língua mátria. Ademais, como assinalado por Phillipson (1992), do ponto de vista do intercâmbio cultural, o grande beneficiário da disseminação internacional do inglês é a indústria do entretenimento estadunidense, que acessa um mercado cada vez maior de falantes do idioma. Assim, quanto maior a penetração da sua indústria estético-artística, maior a projeção dos valores e modos de ser pertinentes aos EUA no restante do globo, sendo essa homogeneização cultural do planeta um ativo geopolítico que não deve ser subestimado.

Além disso, o discurso salvacionista serve de emoliente e fonte de legitimação para eventuais políticas de cunho imperialista. Quanto mais se cristaliza na opinião pública brasileira a crença de que os EUA são uma nação benfazeja, sendo todas as suas ações em nosso país movidas exclusivamente pelo espírito de solidariedade, mais tênue e débil é a memória do longo histórico imperialista do vizinho do norte. O discurso salvacionista funciona como um antídoto ideológico contra a consciência crítica em torno do tirocínio e da inclinação expansionista (que não se restringe ao âmbito territorial) e excepcionalista da grande potência contemporânea.

### Considerações finais

Neste artigo, ambicionamos investigar o discurso salvacionista em torno da língua inglesa promovido pela Embaixada brasileira dos EUA no Instagram, associando o sentido ideológico dessa linha discursiva à tradição imperialista da referida nação. As análises produzidas, apesar de suas limitações de escopo, evidenciaram a plasticidade, a heterogeneidade e o caráter pragmático assumido pela retórica salvacionista impressa nas postagens examinadas. Mais do que uma mera iniciativa filantrópica, o programa de ensino de inglês *Access Amazon* foi empregado na rede social do organismo estadunidense como um ativo diplomático e de poder brando (*soft power*), sendo o discurso salvacionista nele embutido, ao mesmo tempo, um catalisador e um emoliente dessa narrativa, intensificando-a e tornando-a mais palatável ao público-alvo.

A construção do discurso salvacionista na materialidade linguística dos dados examinados teve como pivô a miríade de expedientes avaliativos empregados ao longo do texto das postagens. Mais do que emitir posicionamentos e valores acerca do mundo, a avaliação também contribui de maneira patente no processo de reconstituição das nossas experiências e negociação de significados em interação (HALLIDAY, 1994). A composição semântica da ideia da proficiência em inglês como uma habilidade chave para o futuro não apenas dos alunos atingidos pelo projeto anunciado, mas também de suas respectivas comunidades passava pela atribuição de valores e poderes eminentemente singulares e positivos ao idioma. Naturalmente, tal movimento teria como base o emprego de recursos axiológicos. Portanto, à luz do trajeto analítico empreendido, podemos associar o discurso salvacionista a escolhas gramaticais e lexicais capazes de exprimir formas valorativas convergentes com esse esforço de qualificar um ente do mundo como portador de benesses e graças especiais.

Como evidenciado ao longo do trabalho de fundamentação teórica e ratificado, em algum grau, pelas análises empreendidas, o discurso salvacionista emerge como uma fachada ideologicamente melíflua e sedutora da prática imperialista. Voracidade e rapinagem na relação entre nações fracas e fortes não são coisas novas na história da Humanidade. Porém, o desenvolvimento tecnológico e o nível de poderio militar dos EUA perante seus rivais desde o fim da Segunda Guerra Mundial o alçaram a um posto de hegemonia geopolítica *sui generis*, dispondo de recursos para interferir na vida política e econômica de boa parte do planeta. Os meios de predileção para a implementação dessa agenda predatória, como apontado por Perkins (2004),

foram os mais sub-reptícios: sabotagem, chantagem, conspiração política e uso do *soft power* em favor dos interesses das elites que comandam a política estadunidense.

Nessa sofisticada máquina de ingerência e exploração, o uso engenhoso do discurso torna-se algo imperativo. Busca-se convencer os povos dominados de que os ataques recebidos são fruto da caridade e da benevolência de uma nação altruísta; internalizar na mente dos oprimidos a sua inferioridade essencial, que se materializa nos âmbitos mais heterogêneos, inclusive, no linguístico. É justamente sobre essa chave ideológica que as postagens escrutinadas constroem o discurso salvacionista em torno do inglês. Língua cosmopolita, cuja aprendizagem abre portas no campo profissional, acadêmico e pessoal, além de favorecer o desenvolvimento cognitivo e afetivo do seu aprendiz. Como não desejar apoderar-se de tamanha riqueza? Como não ver com olhos simpáticos um país que, de forma tão bondosa, oferece desinteressadamente uma benesse de tão grande monta? O imperialismo é eficiente porque é ardiloso; e muito do seu ardil consiste em vender espoliação como filantropia e condenação como salvação.

### Referências Bibliográficas

ANDREOTTI, Vanessa. Editor's preface: HEADS up. *Critical Literacy: Theories and Practices*, N. 6, V. 1, 2012. p. 1–3.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base*. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CHIVERTON, Scott. *Embaixada dos EUA abre 125 vagas para curso de inglês básico na Amazônia Legal*. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/embaixada-dos-eua-abre-125-vagas-para-curso-de-ingles-basico-na-amazonialegal/#:~:text=Daniel%20Grynberg>. Acesso em: 20/01/2024.

CHOMSKY, Noam. *Hegemony or Survival: Americas Quest for Global Dominance*. New York: Metropolitan Book, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GRYNBERG, Daniel. *Embaixada dos EUA abre 125 vagas para curso de inglês básico na Amazônia Legal*. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/embaixada-dos-eua-abre-125-vagas-para-curso-de-ingles-basico-na-amazonialegal/#:~:text=Daniel%20Grynberg>. Acesso em: 20/01/2024.

HALLIDAY, Michael. *An Introduction to Functional Grammar*. 2 ed. London: Arnold, 1994.

HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

HOPKINS, Antony Gerald. *American Empire: a Global History*. Princeton: Princeton University Press, 2018.

KAUTSKY, Karl. O imperialismo. In: TEIXEIRA, A. (Org.). *Utópicos, heréticos e malditos: os precursores do pensamento social de nossa época*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

LENIN, Vladimir Ilyich. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2008.

MACKENZIE, John. *Propaganda and Empire: the manipulation of British public opinion, 1880-1960*. Manchester: Manchester University Press, 1984.

MARTIN, Jim; WHITE, Peter. *The language of evaluation*. Great Britain: Pelgrave/Macmillan, 2005.

NÓBREGA, Adriana Nogueira Accioly. **Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico: abordagem sociocultural e sociosemiótica**. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras, 2009.

PERKINS, John. *Confessions of an economic Hit man*. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2004.

PHILLIPSON, Robert. *Linguistic Imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

SCHUMPETER, Joseph. A. *The Theory of Economic Development*. 3rd Edition, Oxford University Press, New York, 1961.

SPRUCE, Gary. The power of discourse: reclaiming social justice from and for music education, *Education*, N. 1, V. 1, 2017. p. 3-13.

VAUGEOIS, Lise. Social Justice and Music Education: Claiming the Space of Music Education as a Site of Postcolonial Contestation. *Action, Criticism, and Theory for Music Education*. N. 6, v. 4, 2007. p. 163–200.

Submetido em 01/04/2024

Aceito em 22/08/2024